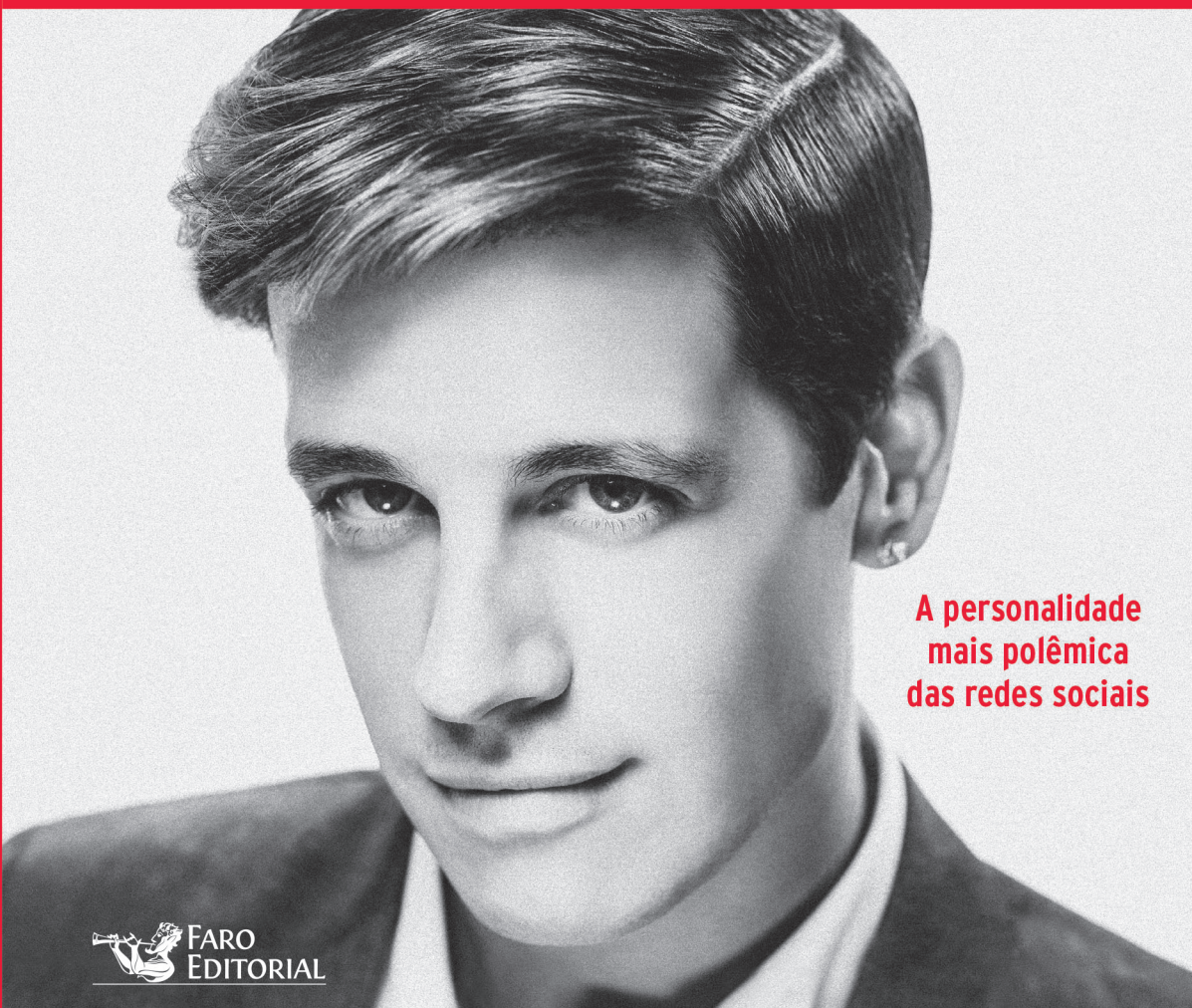


MILO



A personalidade
mais polêmica
das redes sociais

 FARO
EDITORIAL

DANGEROUS

O MAIOR PERIGO É A CENSURA

MILO YIANNPOULOS

DANGEROUS

Tradução:
Carlos Szlak



DANGEROUS

O MAIOR PERIGO É A CENSURA

MILO YANNOPOULOS

Sou muito polêmico, conhecido e perspicaz para que os artigos indignados publicados pelos principais veículos do mundo sumam comigo. Queridos, é de Milo que estamos falando. Os guerreiros da justiça social, o establishment conservador e a grande mídia, me rotularam de todas as formas: sexista, misógino, homofóbico, antissemita que se odeia, islamofóbico, transfóbico, racista, fascista, direitista alternativo, supremacista branco, nazista e, finalmente, “defensor da pedofilia”. Só não me acusaram de torturar gatinhos. Então, de antemão, afirmo: não torturo animaizinhos. Eu os mato rapidamente.

Meu ego é imenso, mas não a ponto de não admitir quando digo algo estúpido. Ganho a vida falando abertamente, sem rodeios e com frequência. Não planejo nem memorizo argumentos antes de aparecer em um programa, acho isso entediante.

Ainda que pareça que a posição de vítima seja a melhor maneira de ganhar a vida, garanto que não é. Você é incrível e inteligente demais em relação a tudo isso. É mais fácil falar do que fazer, eu sei, mas é o meu conselho. Supere isso! Por mais que suas experiências sejam ruins, o vitimismo e a autopiedade são para pessoas que não compram meu livro. É a prisão delas. Devemos desafiar as forças de opressão da sociedade, e não conseguimos fazer isso a partir de uma sessão de terapia.

Não sou hipócrita. Falo a verdade. Sempre. Esse é o meu maldito problema. Bem diante dos fatos, as fake news insinuavam o contrário; por isso, o presidente Trump as rotulou (corretamente) de “inimigas do povo”. Mas essa é a tendência do pessoal da grande mídia. Eles não têm nenhum problema em dizer ao público que preto é branco, em cima é embaixo, dois mais dois é igual a cinco.

Não surpreende que os universitários se refugiem em espaços seguros quando ouvem que estou chegando; a base trepidante de mentiras que sustenta a visão de mundo progressista tornou-se tão frágil que até o mais leve discurso contrário é suficiente para destruí-la. Levo uma bomba de nêutrons quando um canivete funcionaria igualmente, e os resultados são sempre espetaculares.

Não sinto animosidade ou ódio pela juventude que se esconde atrás de espaços seguros e programas de bloqueio nas redes sociais para proteger sua visão de mundo. Sua fragilidade é resultado da covardia de uma geração mais velha e de sua incapacidade de separar a ficção do alto astral das realidades difíceis. Eles queriam desesperadamente acreditar que todos são iguais e que todos nós podíamos nos dar

bem, e agora seus filhos engoliram as mentiras que eles mal acreditavam. Alertas de gatilho e sessões de terapia são o resultado. Só porque tenho simpatia pelos chorões, não presume que pretendo pegar leve com eles. Não vou, e você também não deveria.

Livres pensadores e ativistas culturais, criem coragem. Ao longo da história, sempre houve mitos e irracionalidades a derrotar, e sempre existiram aqueles que os defenderam até o fim amargo e lacrimoso. A verdade, assim como a liberdade, deve ser batalhada em todas as gerações. Se você estiver lendo este livro, provavelmente será uma das pessoas que batalham por isso. Parabéns!

É ótimo pertencer à contracultura, e nós pertencemos. Há vinte anos, os conservadores proibiam os videogames porque os achavam ofensivos. Agora, os progressistas estão fazendo a mesma coisa. Mesmo os heróis rebeldes de minha juventude amoleceram.

Atualmente, a melhor maneira de se rebelar é ser conservador; ou simplesmente liberal na economia e nos costumes. Os conservadores não são mais as elites culturais, censurando a mídia esquerdista dissidente. Os esquerdistas são as elites culturais, censurando os conservadores dissidentes. Como resultado, uma força jovem admiravelmente rebelde surgiu na rede. É destemida e subversiva. E eu sou sua bicha mais maldita.

Por que a esquerda progressista me odeia

Desafiar os mitos da esquerda faz os esquerdistas perderem a cabeça. Destruo suas fantasias com humor e estilo que chamam a atenção. Também tenho coisas picantes, as quais abordarei em detalhes ao longo deste livro.

O que realmente tira os esquerdistas do sério é que eu deveria ser um deles. Pessoas como eu deveriam ser gays sofisticados, obedientes e votar em democratas. Ir aos protestos contra a guerra e experimentar quinoa e húmus. E fingir que é totalmente plausível que a Rey possa pilotar a espaçonave Millenium Falcon com mais habilidade do que o Han Solo. Não importa, importa que ela tenha aprendido a usar a Força em, tipo, meio dia.

Mesmo antes de a esquerda mergulhar na loucura da política de identidade, não queria nada com eles. No entanto, não era o ícone conservador que sou hoje. Estava fazendo algo diferente.

Cheguei para representar o maior medo da esquerda: um adversário que é mais descolado, mais inteligente, mais bem vestido, mais instigante e mais popular que eles. Para entender exatamente por que a esquerda odeia tanto as pessoas como eu, é necessário entender como e por que suas políticas mudaram nas últimas décadas.

No passado, a esquerda defendia os trabalhadores contra as classes gerenciais e executivas. Empregos, salários e padrões de vida decentes para os cidadãos comuns eram as prioridades. Alguns esquerdistas continuam essa tradição. Observa-se que eles são significativamente mais velhos do que a maioria dos outros políticos de esquerda. Também são odiados por grande parte do establishment de seus respectivos partidos. Por quê?

Porque atualmente a corrente de esquerda predominante tem prioridades muito distintas. Não havia motivo para a esquerda abandonar sua antiga base operária. As indústrias que empregavam seus eleitores desapareceram em grande medida, mas os eleitores não foram a parte alguma. De fato, como os eleitores nos antigos centros da classe trabalhadora entraram em crise econômica, a esquerda deveria ter ficado mais atenta às suas preocupações.

Mas isso não aconteceu. Em vez disso, os esquerdistas decidiram ignorar a antiga classe trabalhadora e se voltar para uma coligação eleitoral muito diferente: eleitores descolados das grandes cidades, ativistas contra a guerra que vivem em um conto de fadas, mulheres feias (suspiro) e minorias.

O fato de que as minorias eram apenas uma pequena parcela do eleitorado não incomodou a esquerda; ela sempre poderia importar novos eleitores. E não deu a mínima a respeito do rápido influxo de mão de obra barata ou do dilúvio de novos beneficiários da previdência social. Essas duas consequências óbvias só aumentaram a pressão sobre a já assediada e há muito desprezada base da classe trabalhadora.

Depois que foram tão imoralmente traídos, acho incrível que milhões de antigas famílias da classe trabalhadora ainda permaneçam leais à esquerda. Com a mudança de sua coalizão eleitoral, as políticas da esquerda também mudaram. Ficaram menos preocupadas com salários, mais desdenhosas das antigas indústrias, e rancorosas em relação aos valores culturais de seus antigos eleitores.

A esquerda defende os sem poder e combate os poderosos. Em si, não é uma coisa ruim. Muitos dos luxos básicos que admitimos como naturais atualmente, como fins de semana de dois dias, jornadas diárias de trabalho de oito horas e higiene e segurança no trabalho, foram conquistados pelos movimentos de esquerda que lutaram pelos direitos dos trabalhadores. Outras conquistas importantes, como o fim dos linchamentos no sul dos Estados Unidos, foram obtidas por ativistas de esquerda que instintivamente detestavam a injustiça. Porém, o lado obscuro desse instinto é o ódio em relação às pessoas consideradas muito bem-sucedidas ou abastadas: os “privilegiados”. O “puritanismo”, escreveu H. L. Mencken, cuja existência atravessou a primeira era progressista, é o “medo inquietante que alguém, em algum lugar, possa ser feliz”.

Quem odeia a felicidade?

Aqueles que a negam a si próprio.

.....

Por que as feministas me odeiam

O feminismo está morrendo. Embora tenha enorme influência sobre as elites politicamente corretas da mídia e de Hollywood, o apoio a ele está ruindo entre pessoas comuns de todas as tendências políticas, graças, pelo menos em parte, às ativistas feministas históricas, que divulgam mentiras e teorias de conspiração diariamente.

A luta pelos direitos das mulheres começou no fim do século XIX e se concentrava quase completamente no direito de voto feminino. Essas mulheres valentes foram pioneiras e até heroínas. Geralmente, essa fase é conhecida como a primeira onda do feminismo.

A segunda onda, que começou em meados do século XX, foi mais ampla, mas também baseada em objetivos louváveis: fim do assédio sexual no trabalho, fim da discriminação, revogação de leis arcaicas que permitiam o estupro marital e, acima de tudo, estabelecimento de igualdade plena de oportunidades para as mulheres. Poucas pessoas razoáveis podiam discordar de seus objetivos.

Ainda hoje, mulheres justas e imparciais, como Christina Hoff Sommers, continuam a levantar a bandeira do que ela chama de “feminismo de liberdade”; um feminismo que promete direitos legais iguais e igualdade de oportunidades.

A terceira onda do feminismo mostrou sua cara estranha na década de 1990. O feminismo do qual Sommers fala é quase irreconhecível em sua mensagem.

O ódio engolfou a política de esquerda. Os socialistas odeiam os bem-sucedidos financeiramente. Os ativistas LGBT odeiam os cristãos fundamentalistas. O Black Lives Matter odeia os policiais. As pessoas gordas odeiam as pessoas magras. Mas nenhum desses grupos odeia com a mesquinhez alimentada pela TPM do feminismo.

Além da ignorância dos fatos, as feministas modernas não entendem o valor inerente e a beleza dos papéis de gênero. O masculino e o feminino, e sua interação ao longo da história, foram responsáveis por algumas das maiores expressões artísticas e culturais, de Tristão e Isolda a até mesmo Titanic. Shakespeare poderia ter escrito Romeu e Julieta sem um entendimento saudável dos homens, das mulheres e de suas diferenças essenciais?

Jane Austen não se tornou uma das autoras mais renomadas da língua inglesa fazendo suas personagens tingirem os pelos do sovaco e se juntarem a uma comunidade lésbica. Suas protagonistas gostavam de sua feminilidade mesmo quando lutavam contra ela. As diferenças de gênero são parte da experiência humana. Em sua cruzada maluca para destruir os papéis de gênero, as feministas querem controlar a vida de meninos e meninas nos mínimos detalhes. As pessoas comuns reconhecem isso por: autoritarismo.

Se as feministas querem recuperar a credibilidade, e talvez enfrentar as questões que ainda importam para as mulheres, elas primeiro terão de encarar a realidade, e essa começa com a realidade dos papéis de gênero. Mais importante, terão de redescobrir o compromisso relativo à liberdade de expressão e começar a comparecer novamente aos debates, munidas de fatos e não de sentimentos.

.....

Por que os gays do establishment me odeiam

ATUALMENTE, AS PESSOAS NÃO SE ASSUMEM COMO HOMOSSEXUAIS. ELAS SE ASSUMEM COMO CONSERVADORAS.

Em fevereiro de 2017, Chadwick Moore, jornalista gay de 33 anos, de Nova York, escreveu um artigo para o The New York Post explicando sua rápida mudança da esquerda para a direita. A manchete do artigo? “Sou um nova-iorquino gay e estou me assumindo como conservador”. Apenas três meses antes, Moore tinha votado em Hillary Clinton. O que aconteceu?

Foi simples: Chadwick se aproximou demais da bicha má. Em setembro de 2016, Moore foi contratado pela revista Out para escrever um perfil a meu respeito. O artigo era uma joia: um exemplo raro de jornalismo sério e sutil da imprensa gay tradicional. O tom era bastante imparcial, descrevendo os fatos do meu estilo de vida, da política e da ascensão a fama. Não havia ostentação nem arrogância moral.

O perfil não estava completamente isento de viés, provavelmente não poderia estar, e incluía um alerta de gatilho para leitores gays frágeis dizendo que talvez encontrassem alguma política conservadora. Vestiram-me com uma fantasia de palhaço para a sessão de fotos que ilustrava a matéria de título: “Mande entrar o palhaço: o supervilão da internet, Milo, não se importa que você o odeie”, e me chamava incorretamente de “líder da direita alternativa”, como inúmeras outras publicações tinham feito antes. Mas eu estava disposto a perdoar o erro, porque o resto estava muito bom. E não me importei com a fantasia de palhaço, porque eu ainda parecia sexy para cacete.

A Out foi alfinetada por se atrever a me examinar corretamente. Além de um surto imediato de fúria nas redes sociais, mais de 40 jornalistas gays assinaram uma carta aberta condenando a revista por não “evitar promover danos aos queers”.

Embora a carta fosse dirigida contra mim, admirei a façanha de que 40 caras gays concordassem a respeito de alguma coisa. Mas o establishment gay se acostumou tanto a criticar duramente os conservadores para ganhar a vida que, quando um deles não faz isso, considera uma traição abominável que precisa de uma resposta coordenada.

Os ataques pessoais contra Moore foram muito duros. Rapidamente, ele se viu renegado pelo seu círculo de amigos de esquerda. Em seu vindouro artigo para o The New York Post, ele descreveu como amigos e conhecidos de longa data começaram a dar as costas para ele.

Meu melhor amigo, com quem eu costumava sair diversas vezes por semana, de repente ficou indisponível. Finalmente, na véspera do Natal, ele me enviou um longo texto, chamando-me de monstro, perguntando onde estavam meu coração e minha alma, e dizendo que todos os nossos outros amigos estavam rindo de mim. Percebi que, pela primeira vez em minha vida adulta, estava fora da bolha esquerdista e a examinando pelo outro lado. O que eu vi era feio, rígido, apático e mesquinho.

Moore estava se tornando “red-pilled”, como dizemos na internet. Como Neo, em Matrix, seus olhos tinham se aberto repentina e dramaticamente para a nova realidade. Agora ciente da intolerância da esquerda, Moore não tinha outra escolha a não ser reconsiderar toda a sua visão de mundo. E foi como ele acabou se assumindo como conservador nas páginas do The New York Post.

Não é apenas Chadwick. Outros gays de pensamento progressista também estão despertando para os perigos de abraçar a intolerância progressista. Dave Rubin, apresentador do Rubin Report., que fazia parte da rede progressista Young Turks, e outro imigrante ideológico da esquerda. Rubin é um ex-progressista que sentiu a atmosfera de intolerância que estava ganhando folego no movimento e agora se considera um liberal clássico.

Eis como Rubin explicou sua posição em um vídeo para a conservadora Prager Univesity:

Sou um gay casado. Então, você pode achar que aprecio que o governo force um padeiro, fotógrafo ou florista cristão a agir contra sua religião, para prover, fotografar ou decorar meu casamento. Mas você está enganado. Um governo que pode forçar cristãos a violar suas consciências pode me forçar a violar a minha.

Rubin terminou seu vídeo admitindo que defender seus valores liberais clássicos “de repente se tornou uma posição conservadora”. E minha esperança — e crença otimista — que outros gays despertem, sintam a intolerância e cheguem a mesma compreensão.

Os gays lutaram contra a intolerância durante décadas e só recentemente conquistaram o apoio e a aceitação da sociedade. E como nos respondemos? Ficando igualmente intolerantes; não contra pessoas que transam diferente de nós, mas contra pessoas que pensam diferente de nós. Os gays republicanos recebem tratamento cruel de seus pares. As atitudes rígidas e os preconceitos do establishment gay serão difíceis de destruir.

Considere Lucian Wintrich, artista e fotógrafo gay e partidário de Trump, que, em 2016, divulgou uma série de fotografias denominada Twinks for Trump (Bichinhas

com Trump). Seu trabalho retratava homens seminus e de aparência frágil usando bonés com a inscrição *Make America Great Again* (Torne a América novamente grande). Apenas cinco horas depois de eu escrever um artigo elogiando Wintrich por seu projeto de arte transgressivo, ele foi demitido da agência de publicidade de Nova York onde trabalhava, aparentemente porque muitas pessoas ligaram para seu escritório para reclamar das fotos. Graças a complacência conservadora, o mundo da arte atual é um estado de partido único.

Sem perder o ânimo, Wintrich seguiu em frente e organizou a primeira exposição de arte pro-Trump, intitulada “Daddy Will Save Us” (Papai vai nos salvar), apresentando peças de uma série de figuras conservadoras, inclusive eu. Tomei banho nu em um tanque de sangue de porco, representando pessoas que morreram vítimas de extremistas islâmicos e imigrantes não documentados.

A resposta da esquerda foi bombardear com reclamações a galeria de arte escolhida por Wintrich, o que fez a galeria entrar em pânico, cancelar o evento e até ameaçar mover um processo contra Wintrich. Um local alternativo foi encontrado a tempo e a mostra artística seguiu em frente.

Imagine Madonna fazendo um vídeo com bichinhas usando bonés com a inscrição *Make America Great Again*. Ela não faria, e claro, porque atualmente está mais ocupada em agradar mulheres que odeiam homens e em envelhecer sem graça do que dizer algo corajoso ou original.

Wintrich, como eu, sente prazer em provocar escândalo. Mas você realmente não precisa se esforçar muito. Gays conservadores educados e respeitáveis recebem exatamente o mesmo tratamento da esquerda. Quando o amável empreendedor Peter Tile revelou seu apoio a Donald Trump, o site gay *The Advocate* publicou um artigo sustentando que ele não podia mais se considerar parte da comunidade gay. A mensagem disso, e da experiência de Chadwick Moore, é clara: siga a linha do partido ou seja expulso do clube.

Em abril de 2013, apareci em uma edição do *10 O’clock Live*, programa de televisão britânico, para participar de um debate. O assunto era casamento gay, uma causa a qual eu era contrário na ocasião. Meu oponente era Boy George e foi uma rara ocasião em que eu não era a pessoa vestida de forma mais exuberante no cenário.

Minha mera oposição ao casamento gay foi suficiente para confundir a audiência. Em 2013, o casamento gay tinha se tornado uma espécie de teste decisivo de aceitabilidade social. Se você era a favor, você era um ser humano normal. Se era contra, era uma relíquia intolerante e mal-intencionada do passado, algo a ser jogado na lata de lixo da história.

Eu estava vestido de modo elegante, era atraente e encantador, então não sabiam muito o que fazer comigo. Simplesmente ser apresentado no programa como um gay católico contrário ao casamento entre pessoas do mesmo sexo foi o necessário para confundir meus colegas de debate. Antes do fim do programa, fui chamado de “gay

homofônico” e acusado de “autodepreciação” por minha oposição por motivos culturais ao casamento gay.

Mostrei que o casamento gay reforçava a ideia de que ser gay é uma escolha de estilo de vida normal ou aceitável, o que não é, e não deveria ser. O próprio termo “gay tradicional” está em desacordo com tudo o que os homossexuais sempre representaram, mas, não obstante, somos forçados a usá-lo porque os gays se tornaram um bloco político monolítico. Todos os gays devem acreditar na mesma coisa.

Gays tradicionais, muitos dos quais se sentem felizes em tratar com desprezo a vida de, digamos, famílias conservadoras do Meio Oeste ou cristãos evangélicos do Sul, simplesmente não conseguem admitir a possibilidade de alguém tratar com desprezo suas próprias vidas. Considere por exemplo a conhecida draga queen Bianca del Rio, cujo famoso slogan é Not Today Satan! (Hoje não, Satã!). Quando Candance Cameron, também conhecida como D.J. Tanner, uma cristã notoriamente orgulhosa, usou uma camiseta com o slogan, Bianca a chamou de “republicana homofóbica”. Candance respondeu: “Amar Jesus não significa que odeio os gays”, mas o dano estava feito. Para os quase 1 milhão de seguidores de Bianca no Instagram, D.J. Tanner odeia as bichas.

O ISLÃ E A ESQUERDA

Em minhas palestras em universidades, muitas vezes me perguntam a respeito de que argumentos usar em um debate com a esquerda regressiva. Sempre tenho a mesma resposta: islã.

Não há mais nada que exponha melhor a hipocrisia da esquerda, sua desconsideração pelos fatos e seu ódio pelo Ocidente, do que sua atitude em relação ao islã. Cada nobre princípio que a esquerda afirma defender, dos direitos das mulheres à libertação gay, até mesmo a diversidade em si, morre no altar de sua defesa servil do islã.

Karl Marx chamou a religião de “opio do povo”. Se você analisar a atitude da esquerda em relação ao cristianismo, pode até pensar que ela acredita nessa mensagem. Os comediantes e os colunistas da esquerda progressista nunca perdem a oportunidade de menosprezar e denegrir os cristãos conservadores, mas defendem o islã a custo de todas as outras minorias. Bill Maher, Sam Harris, Richard Dawkins e Christopher Hitchens ficaram todos frustrados em relação a essa questão: por que a esquerda se recusa a mover uma palha contra a religião mais radical, perigosa, socialmente conservadora e opressiva do planeta?

O escritor Sam Harris resume a atitude retrograda desse grupo com sua característica clareza: Essas pessoas fazem parte do que Maajid Nawaz chamou de

“esquerda regressiva”: pseudo-liberais tão cegados pela política de identidade que tomam o partido de um grupo retrogrado em detrimento de uma de suas vítimas. Em vez de proteger mulheres, apostatas, intelectuais, cartunistas, romancistas e liberais verdadeiros da intolerância de imbecis religiosos, protegem os teocratas das críticas.

Exemplos desse comportamento não são difíceis de encontrar.

O Charlie Hebdo é um raro exemplo de jornal de esquerda que entendeu que o islamismo radical é semelhante a direita religiosa radical. Na realidade, isso é muito brando; de fato, é mais próximo da direita religiosa medieval radical. Conheço membros da direita cristã radical dos Estados Unidos e eles são assustadores. Mas nem de perto tão assustadores quanto os terroristas islâmicos. Eles são a Igreja Batista de Westboro com facões.

O Charlie Hebdo teve a audácia de se opor aos assediadores religiosos. Publicava cartuns humorísticos do profeta Maomé, o que tornou o jornal alvo principal da Al-Qaeda. Os editores do Charlie Hebdo entenderam corretamente que permitir que pessoas intimidassem artistas e escritores com ameaças de violência era o primeiro passo no caminho para uma sociedade apavorada e censurada.

Em 7 de janeiro de 2015, doze funcionários do jornal pagaram por isso com suas vidas, quando dois irmãos muçulmanos armados invadiram os escritórios do Charlie Hebdo em Paris e abriram fogo.

O Charlie Hebdo é uma publicação de esquerda. Marxista, de fato. Sua oposição ao islã deriva de sua oposição à direita. É tão estridente em sua crítica a Frente Nacional, partido de extrema-direita francês, quanto são ao islã. Posso por acaso achar que a Frente Nacional merece uma abordagem mais nuançada, mas ninguém jamais pode acusar o Charlie Hebdo de falta de coerência. O jornal afirma que se opõe ao fanatismo e a intolerância, e se opõe mesmo, quer perceba isso na direita europeia ou no islã.

Então, o que os outros esquerdistas fizeram quando doze de seus camaradas foram mortos por marginais religiosos? O antigo ideal de solidariedade socialista finalmente se manifestou?

É claro que não.

Enquanto a maioria do mundo civilizado adotava o slogan “Je Suis Charlie”, a revista The New Yorker publicou um ensaio intitulado “Unmournable Bodies” (Corpos que não podem ser lamentados), atacando o Charlie Hebdo por “provocações racistas e islamofóbicas”. Antes do mês acabar, uma série de grêmios estudantis britânicos, incluindo a Universidade de Manchester, banuiu o Charlie Hebdo de acordo com suas diretrizes de “espaço seguro”, sustentando que o jornal deixava os estudantes muçulmanos incomodados.

Deixava os estudantes muçulmanos incomodados? Bem, não tenho certeza se isso está no mesmo nível de deixar cartunistas não muçulmanos mortos. Em suma, isso e a esquerda moderna.

Também não houve nenhuma manifestação coletiva de solidariedade da classe literária de esquerda. Para um observador comum, o fato de o prestigioso prêmio Freedom of Expression Courage do PEN Club ter sido concedido ao Charlie Hebdo em 2015 não seria uma notícia particularmente surpreendente, muito menos um insulto moral. No entanto, 204 membros da organização, incluindo autores consagrados como Joyce Carol Oates, Lorrie Moore e Junot Díaz acharam que sim. Boicotaram a premiação, assinando uma carta aberta que condenava o Charlie Hebdo por fazer uma “comunidade marginalizada” se sentir desconfortável:

Para a parte da população francesa que já é marginalizada, sitiada e vitimizada, uma população que é formada pelo legado das diversas iniciativas coloniais francesas e que contem uma grande porcentagem de muçulmanos devotos, os cartuns do profeta publicados pelo Charlie Hebdo devem ser vistos como sendo destinados a provocar humilhação e sofrimento adicionais.

Quanto sofrimento! Que horror! Cartuns, publicados em um jornal com uma circulação modesta, que os muçulmanos não tem de comprar se não quiserem. Tenho certeza que os amigos e as famílias dos cartunistas mortos do Charlie Hebdo sentem –se completamente envergonhados das ações de seus entes queridos.

O escritor Salman Rushdie, que enfrentou uma fatwa, pronunciamento legal no Islã emitido por um especialista em lei religiosa, apoiada pelo Irã pelo crime de escrever a respeito de uma área proibida da teologia islâmica, resumiu a posição que os defensores do boicote a premiação assumiram.

O massacre dos cartunistas, Rushdie escreveu, foi um...

... crime de ódio, assim como são crimes de ódio os ataques antissemitas que assolam a Europa e que quase inteiramente são realizados por muçulmanos. Essa questão não tem nada a ver com minorias oprimidas e desfavorecidas. Tem tudo a ver com a batalha contra o islamismo fanático, que é altamente organizado, bem financiado e que procura aterrorizar a todos nós, muçulmanos e não muçulmanos, em um silêncio intimidante.

Esses... escritores se tornaram companheiros de viagem desse projeto. Agora eles terão a dúbia satisfação de ver o PEN se despedaçar em público.

O boicote fracassou e o Charlie Hebdo ganhou seu prêmio, oferecido ao representante do jornal por Neil Gaiman, que interveio depois que outros escritores caíram fora. Imagino como ele deve ter se sentido ao ver tantos de seus colegas do establishment literário de esquerda optarem por atacar cartunistas assassinados em vez de se oporem a ideologia que criou seus assassinados. Envergonhado pela esquerda, espero.

A reação ao atentado contra o Charlie Hebdo é apenas um exemplo entre tantos da atitude suicida da esquerda em relação ao islã.

Em novembro de 2015, quando Paris voltou a ser vítima do terrorismo islâmico, com mais de 100 mortos em uma série de ataques organizados pelo Estado Islâmico, o Salon publicou uma manchete extraordinária: “Atraímos isso para nós: Depois de Paris, chegou a hora de ajustar os nossos ‘valores’ com a nossa história”.

O artigo culpava o “comportamento horrível do Ocidente no Oriente Médio durante décadas” pelas mortes em Paris. Em março de 2016, depois que terroristas muçulmanos mataram 35 pessoas em Bruxelas, o Salon permitiu que o mesmo jornalista publicasse praticamente o mesmo artigo sob a manchete “Atraímos isso para nós, e também somos os terroristas”. Liberais culpando o Ocidente pelos ataques terroristas se tornaram previsíveis de modo deprimente após cada nova atrocidade.

O que realmente cimenta a traição da esquerda aos próprios valores no que diz respeito do islã, não é tanto sua oposição às guerras do Oriente Médio, mas sua oposição aos reformistas muçulmanos liberais. Talvez o melhor exemplo disso seja o Maajid Nawas, um dos poucos muçulmanos moderados que se esforça para arrastar sua religião aos trancos e barrancos para a era moderna. Por seu trabalho de combate ao extremismo, apoio a tolerância inter-religiosa e desafio ao fanatismo da comunidade muçulmana, ele é recompensado com o silêncio polido da esquerda, na melhor das hipóteses, e o desprezo desdenhoso, na pior.

Em 2016, novos níveis de absurdo foram alcançados quando o SPLC — Southern Poverty Law Center adicionou o nome de Nawas a uma lista de 15 “extremistas antimuçulmanos”. A lista completa era ridícula, incluindo Ayaan Hirsi Ali, ativista pelos direitos das mulheres, Daniel Pipes, Pamela Geller e David Horowitz, críticos do islamismo. Contudo, a adição de Nawaz, justamente o tipo de muçulmano moderado que grupos antifanatismo e anti-intolerância como o SPLC deveria estar estimulando, resumiu o quão falida moralmente se tornou a atitude da esquerda em relação ao islã.

Existe, e talvez seja apenas o meu humor negro, algo mais divertido do que uma religião tão cheia de suscetibilidades que cartuns criados para provocá-la dão origem a atentados mortais, como se justamente provasse o argumento daqueles cartunistas franceses?

Existe algo mais absurdo que a frase “A religião da paz”?

Que acusação contra os comediantes supostamente “corajosos” dos Estados Unidos que nem um só se atreve a contar uma piada decente a respeito do islã no horário nobre da tevê.

.....